

CONTAS CORRENTES

O Banco de Portugal, em virtude da sua posição privilegiada na economia nacional, tem vindo a desempenhar um papel cada vez mais importante na vida financeira do país. A sua actividade é regida pelo Estatuto do Banco de Portugal, aprovado em 1958, e pelo Regulamento das Contas Correntes, aprovado em 1962.

O objectivo principal do Banco de Portugal é a promoção da estabilidade monetária e financeira do país, bem como a defesa dos interesses da comunidade. Para este fim, o Banco desenvolve uma actividade diversificada, que inclui a emissão de moeda, a administração do Tesouro Nacional, a gestão das reservas internacionais e a prestação de serviços financeiros aos particulares e às empresas.

No âmbito das Contas Correntes, o Banco de Portugal oferece aos seus clientes uma ampla variedade de serviços, desde a abertura e manutenção de contas de poupança e de poupança a prazo, até à realização de operações de crédito e de financiamento. A abertura de uma Conta Corrente é simples e rápida, e o cliente pode beneficiar de uma série de vantagens, como a possibilidade de fazer depósitos e retiradas em qualquer altura e em qualquer lugar.

O Banco de Portugal tem vindo a investir continuamente na melhoria dos seus serviços e na modernização das suas instalações. A introdução de novos produtos e serviços, como as contas correntes em internet e o serviço de atendimento ao cliente por telefone, tem permitido ao Banco alcançar um nível mais elevado de eficiência e de satisfação dos clientes.

Em conclusão, o Banco de Portugal é uma instituição financeira sólida e segura, que oferece aos seus clientes os melhores serviços e condições. A abertura de uma Conta Corrente no Banco de Portugal é a melhor opção para quem deseja poupar e crescer o seu dinheiro de forma segura e rentável.

Excerto de Jornal = "Contas Correntes" (Extrac a livro de Metrio Sa' Carneiro "Ceu em fogo" por Alfa & Omega)



CONTA CORRENTE

Emudece hoje esta secção. Alfa & Omega, os conceituados proprietários da firma, tinham começado a escrever-a com toda aquela lucidez de espirito que os leitores estão habitua-

dos a apreciar-lhes. Eis sendo quando, não perversa, não insistida, colocou na sua frente um exemplar do Céu em fogo, o último livro do sr Mario de Sá Carneiro.

Imediatamente, os desgraçados começaram a zebraar-se, a tallhar-se em exílio, a irrealisar-se em crepúsculo, a agitar-se em aguedutos, avbros eles, embandetrados em luar, dispersos de agostos, como se os arripitos que os sossobranch se juntassem todos n'uma agulha. A sua dór era tão grande que pondo a mão na sua fronte, sentiam todo o seu esqueleto, eis um obari.

Tinhão enlouquecido!
E então os suas almas, zizgucientes de combóios, puzeram-se a dormir n'um grande palacio deserto... as escuras... e, antes de adormecer, á forca de concentração... só com a sua vontade... ah! ah! poroar de figuras as casas vazias... na treva... figuras de medo... kesskirsssss... mutiladas... guturaes... tarfalhantes... E beio!

É belo! Mas não o queira nunca.
Tem um perigo... Que, reaes em demasia, as crisalidas se precipitem a cerca-lo... e o esmaguem... esperdiuhadas... contoreidas... contoreidas...
E3/187

Os desditosos estavam copiando, plagiando vergonhosamente o livro do sr. Sá Carneiro.

Para acalmar um pouco a sua loucura, foi preciso prometer-lhes que dariamos hoje, em folhetim, uns extractos do Céu em fogo.

A promessa cumpre-se.

Deus nosso Senhor nos de juizo!

Alfa & Omega

23